

O poder e a perfeição da palavra de Deus

Salmo 119.89-96 (NAA)

↳ Lâmede

⁸⁹Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra está firmada no céu. ⁹⁰A tua fidelidade se estende de geração em geração; fundaste a terra, e ela permanece. ⁹¹Conforme os teus juízos, assim tudo se mantém até hoje; porque todas as coisas estão ao teu dispor. ⁹²Se a tua lei não tivesse sido o meu prazer, há muito eu teria perecido na minha angústia. ⁹³Nunca me esquecerei dos teus preceitos, pois é por meio deles que me tens dado vida. ⁹⁴Sou teu; salva-me, pois eu busco os teus preceitos. ⁹⁵Os ímpios me espreitam para me destruir, mas eu considero os teus testemunhos. ⁹⁶Tenho visto que toda perfeição tem o seu limite; mas o teu mandamento é ilimitado.

O interesse atual pelo estoicismo revela o desejo humano por autocontrole e estabilidade diante do caos. Essa filosofia sugere que, quando o sofrimento surge, devemos buscar força apenas dentro de nossa própria mente para atingir a imperturbabilidade — a serenidade.

O Salmo 119.89-96 apresenta o caminho oposto. Enquanto manuais de autoajuda focam na força interior, o salmista reconhece a própria fragilidade e o impacto real da dor. Em vez de olhar para dentro, ele olha para fora e para o alto, agarrando-se à palavra de

Deus. Davi conclui que apenas essa revelação, que sustenta o universo, é capaz de impedir que o indivíduo afunde em meio à aflição.

Sob o tema “O poder e a perfeição da palavra de Deus”, examinaremos como o ensino bíblico deixa de ser teoria para se tornar socorro real no momento mais difícil.

A estabilidade da palavra de Deus

Ao cruzarmos a metade do Salmo 119, a narrativa sofre uma mudança drástica. O salmista deixa o ponto de maior esgotamento para iniciar uma subida firme, apoiado na segurança da palavra de Deus — à partir do versículo 89.

Antes desse trecho, as estrofes *Tete* (vs. 65-72), *Iode* (vs. 73-80) e *Cafe* (vs. 81-88) descrevem uma aflição real: Davi enfrenta mentiras (v. 69) e perseguição injusta (v. 78), atingindo o limite de sua resistência. Seus olhos fraquejam (v. 82) e ele se sente como um “odre na fumaça” (v. 83) — seco e inútil pelo calor da prova. Após relatar armadilhas (v. 85) e quase ser destruído (v. 87), ele encerra a seção anterior com um clamor desesperado por sobrevivência (v. 88).

A estrofe de hoje interrompe esse ciclo no versículo 89 com uma mudança radical de direção. Davi para de olhar para as covas no chão e volta o olhar para a palavra do Senhor, que “está firmada nos céus”.

Embora a perseguição não tenha desaparecido, o alicerce mudou. O fundamento agora é a fidelidade divina que “se estende de geração em geração” (v. 90) e a perfeição de seus mandamentos, que ultrapassa qualquer limite terreno (v. 96).

É o momento em que o sofredor, antes afundando, encontra solo firme — não em si mesmo, mas fora dele — e se ergue sobre a rocha inabalável da revelação de Deus.

A palavra eterna

Martinho Lutero escreveu certa vez sobre a palavra de Deus: “A Bíblia é viva, ela fala comigo; tem pés, corre atrás de mim; tem mãos, me agarra com firmeza. A Bíblia não é antiga nem moderna. Ela é eterna.”¹

A natureza eterna da Bíblia é exatamente o tema desta estrofe, em especial dos **versículos 89 a 91**. Cada um desses versos caminha na mesma direção: eles afirmam que a palavra de Deus é eterna e, por causa disso, ela é um alicerce sobre o qual você pode construir não apenas a sua vida hoje, mas a sua eternidade.

Veja o que diz o **versículo 89**: “Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra está firmada no céu.” O **versículo 90** continua: “A tua fidelidade se estende de geração em geração; fundaste a terra, e ela permanece.” E o **versículo 91** completa: “Conforme os teus juízos, assim tudo se mantém até hoje; porque todas as coisas estão ao teu dispor.”

O que o texto está nos ensinando aqui é simples e poderoso: porque a palavra de Deus está fixada eternamente no céu, nós podemos depender totalmente dela aqui na terra. Três coisas não mudam jamais: a palavra de Deus no céu (v. 89), a fidelidade de Deus na terra (v. 90), e as leis de Deus que sustentam a criação até hoje (v. 91).

Jesus ensinou isso com muita clareza. No Sermão do Monte, na sua instrução mais solene sobre as Escrituras, ele disse — em **Mateus 5.17-18**:

Não pensem que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, mas para cumprir. Porque em verdade lhes digo: até que o céu e a terra passem, nem um *i* ou um *til* jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra.

¹ Citado por BEEKE, Joel R.; LANNING, Ray B. The Transforming Power of Scripture. In: KISTLER, Don (ed.). *Sola Scriptura: the Protestant position on the Bible*. Morgan: Soli Deo Gloria Publications, 1995. p. 331-332.

Para a nossa língua, essa expressão “um *i* ou um *til*” às vezes passa batida. O que Jesus estava falando no original era sobre a menor letra e o menor traço de tinta no pergaminho.

Esse “*i*” é o *lode*, a menor letra do alfabeto hebraico. Ela é tão pequena que parece um apóstrofo (aquele sinal diacrítico em forma de vírgula voltada para a esquerda)— é a mesma letra que inicia cada versículo da décima estrofe do Salmo 119 (vs. 73-80).

E o “*til*” não é o acento que usamos no português; é apenas um pequeno detalhe da escrita, uma pequena perninha na base de algumas letras hebraicas que serve para diferenciar uma da outra. Um detalhe mínimo de tinta.

Mas não se perca nos detalhes.

O que Jesus estava garantindo é que nem mesmo a menor marca do texto sagrado será perdida. Nenhuma vírgula será apagada até que tudo se cumpra. E, como ele mesmo disse mais tarde, em **Mateus 24.35**: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.” Exatamente o que Davi já havia escrito em **Salmo 119.89**: “Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra está firmada no céu”.

Agora, pense comigo: nem você nem eu podemos ver as coisas pela perspectiva da eternidade. Só Deus pode. Mas nós podemos olhar para trás e ver a história. Nós podemos testemunhar como essa Palavra sobreviveu ao longo dos séculos. Na verdade, uma das maiores evidências de que a Bíblia é a palavra de Deus, e não uma invenção humana, é a sua preservação impressionante.

Hoje é fácil. Nós temos a Bíblia no celular, traduzida para centenas de línguas, com milhões de cópias impressas. Seria impossível destruir a Bíblia hoje. Mas nem sempre foi assim. Antes da invenção da imprensa de Gutenberg (durante a década de 1440), o texto bíblico precisava ser copiado à mão, letra por letra, em folhas de papiro ou couro. Dava trabalho. Era demorado. Havia riscos.

Durante grande parte da história, as Escrituras cristãs e a fé nelas fundamentada foram alvo direto de coerção estatal, censura religiosa e oposição intelectual.

Já no século II, surgiu uma ameaça interna significativa: por volta de 140 d.C., Marcião de Sinope produziu um cânon radicalmente reduzido, rejeitando todo o Antigo Testamento e aceitando apenas uma versão editada de Lucas e algumas cartas paulinas, numa tentativa deliberada de desconstruir a continuidade bíblica entre judaísmo e cristianismo.

Ao mesmo tempo, filósofos e retóricos pagãos buscaram desacreditar a fé cristã por meio de sátira e crítica filosófica. Por volta de 165 d.C., Luciano de Samósata escreveu *A Morte de Peregrino*, ridicularizando os cristãos como crédulos e facilmente manipuláveis.

Em cerca de 177 d.C., o platonista Celso redigiu *O Discurso Verdadeiro*, oferecendo uma das primeiras refutações sistemáticas ao cristianismo e às reivindicações das Escrituras. No final do século III, o neoplatônico Porfírio publicou os quinze livros de *Contra os Cristãos*, atacando especialmente a confiabilidade histórica de Daniel e dos evangelhos.

Imperadores romanos também tentaram sufocar a fé cristã pela força militar e institucional.

Em 23 de fevereiro de 303 d.C., Diocleciano promulgou o primeiro édito da Grande Perseguição, ordenando a destruição de igrejas, a queima de manuscritos cristãos e a supressão do culto público. Décadas depois, o imperador Juliano, o Apóstata (361–363 d.C.), buscou enfraquecer o cristianismo por meios políticos e intelectuais: além de escrever *Contra os Galileus* em 362 d.C., proibiu cristãos de ensinarem literatura clássica, tentando restringir sua influência cultural e apologética.

Em períodos posteriores, o acesso às Escrituras também enfrentou severas restrições eclesásticas e políticas.

O Concílio de Toulouse, em 1229, limitou significativamente a posse e leitura de traduções bíblicas por leigos, especialmente em resposta a movimentos considerados heréticos.

Séculos depois, a tradução inglesa de William Tyndale, iniciada em 1526, foi condenada pelas autoridades eclesiásticas e políticas; exemplares foram queimados, distribuidores foram perseguidos, e o próprio Tyndale acabou executado em outubro de 1536.

Assim, ao longo dos séculos, embora jamais destruída, a Bíblia enfrentou repetidas tentativas de supressão, adulteração, censura e erradicação. Mas o texto sobreviveu. Se a Bíblia fosse apenas o pensamento de homens brilhantes, ela teria sido eliminada há muito tempo.

É notório, aliás, que grandes obras da antiguidade se perderam quase por completo ao longo da história. Das mais de cem tragédias compostas por Sófocles no século V a.C. (496–406 a.C.), apenas sete sobreviveram integralmente.

A imensa coleção da Biblioteca de Alexandria, desenvolvida entre os séculos III a.C. e I a.C., foi progressivamente destruída em sucessivas crises históricas. Dos 142 livros da monumental História de Roma, de Tito Lívio (59 a.C.–17 d.C.), apenas cerca de 35 chegaram substancialmente até nós. Incontáveis textos de filósofos, dramaturgos e historiadores da antiguidade desapareceram por completo ou subsistem apenas em fragmentos.

As Escrituras, porém, permaneceram.

Atravessaram impérios, perseguições, censuras e tentativas sistemáticas de supressão, sendo preservadas, copiadas e transmitidas através das gerações com extraordinária continuidade histórica. Sua permanência ecoa de modo singular as palavras de Isaías (40.8): “A erva seca e as flores caem, mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre.”

O poder da palavra de Deus

Se há uma coisa que fica clara ao longo de todo o Salmo 119 é o quanto Davi é prático. Nós vemos essa qualidade aparecer com muita força agora. Ele acabou de afirmar o caráter eterno e inabalável da palavra de Deus (vs. 89-91). Mas ele não para na teoria. Partindo dessa verdade firme, o salmista começa a relatar três coisas reais que essa Palavra indestrutível fez por ele na prática.

1. A Palavra de Deus nos vivifica

O **versículo 92** retoma o tema central das últimas três estrofes: a aflição. Ele funciona como uma resposta prática à oração desesperada com a qual o salmista terminou a seção anterior — **versículo 88**: “Vivifica-me, segundo a tua misericórdia, e guardarei os testemunhos que procedem de tua boca.”

O que foi que, de fato, manteve esse homem vivo durante tempos tão difíceis? Nós poderíamos dizer: “Foi Deus!”, e estaríamos certos; mas não é dessa forma que o escritor apresenta a resposta. Davi diz — no **versículo 92**: “Se a tua lei não tivesse sido o meu prazer, há muito eu teria perecido na minha angústia.”

Em outras palavras, o que manteve Davi vivo no capotamento de sua vida face às adversidades foi o seu hábito vitalício de ler, marcar, aprender, meditar e, acima de tudo, obedecer à Lei de Deus.

Para você ter uma ideia do quanto o versículo 92 é poderoso na prática, ele significava muito para Martinho Lutero. Se você for hoje ao Museu de Brandemburgo, em Berlim, verá a Bíblia pessoal do reformador preservada lá; nela, o próprio Lutero escreveu de próprio punho estas palavras (v. 92): “Se a tua lei não tivesse sido o meu prazer, há muito eu teria perecido na minha angústia.” Lutero sabia que a Palavra era o seu bote salva-vidas.

Quando entramos em problemas, geralmente recorremos a Deus em busca de ajuda, o que o escritor também fez. Mas o nosso erro é que frequentemente paramos nesse ponto. Ficamos esperando que Deus intervenha por si só, de forma mágica, sem qualquer esforço da nossa parte.

O salmista foi mais sábio.

Enquanto orava por socorro, ele fazia o que era obrigado a fazer: lia e meditava na Bíblia. Ele sabia que, embora seja Deus quem deva agir, Deus escolhe agir por meio de instrumentos. E o instrumento indispensável para firmar nossos pés no meio da tempestade — o instrumento que nos mantém vivos na adversidade; nosso “respirador”, “nosso ventilador mecânico” — é o estudo bíblico: leitura e meditação na Bíblia.

É por isso que, mesmo no ponto mais baixo de todo este salmo, Davi não solta a corda. Veja como ele se agarra a diferentes aspectos da revelação de Deus nas estrofes anteriores. Os diferentes sinônimos utilizados servem para mostrar que a Bíblia não é um livro de uma nota só. Ela fala a nós por inteiro.

- **A palavra como promessa:** Quando Davi diz “espero na tua palavra” (v. 81), usa o termo hebraico mais amplo de todos. Imagine *dabar* como a “conversa” completa de Deus conosco. Ela contém tudo: desde as ordens que precisamos seguir até as promessas de esperança que nos mantêm vivos quando tudo vai mal. É a voz de Deus falando ao nosso coração.
- **A lei gravada na rocha:** Ao falar que não se esquece dos “decretos” de Deus (v. 83), Davi usa uma palavra que descreve algo esculpido ou gravado. São as leis que não mudam, como os Dez Mandamentos. Pense em *Huqqim* como as “cláusulas pétreas” da vida: princípios sólidos que o tempo não apaga e as circunstâncias não alteram.

- **O manual de instruções:** O termo para “preceitos” — os quais Davi atestou que jamais os abandona (v. 87) — é quase como um “regulamento detalhado”. É o olhar de Deus sobre os detalhes práticos do dia a dia. Se os *decretos* são os grandes princípios, os *piqqudim* (os preceitos) são as orientações específicas para resolver um problema exato. É Deus nos dando o passo a passo para não tropeçarmos na rotina.
- **O selo de fidelidade:** Por fim, “testemunhos” ou “estatutos” (v. 88) trazem a ideia de um registro oficial. É o testemunho de quem Deus é. Imagine um documento assinado que garante: “Eu sou fiel”. Esses testemunhos servem tanto de aviso (mostrando o perigo de desviar o caminho) quanto de garantia (trazendo alegria a quem permanece no rumo certo).

Na sua aflição, Davi tomou a Bíblia inteira como sua. Ele se apegou a cada detalhe dela. Ele entendia o que o apóstolo Paulo escreveria mais tarde em **2Timóteo 3.16-17**: que “toda a Escritura” é útil para nos preparar plenamente. O segredo de Davi foi não tentar adivinhar qual parte da Bíblia seria útil; ele se agarrou a toda ela, pois nunca sabemos qual porção Deus usará para nos manter firmes em tempos de crise.

2. A palavra de Deus nos renova

Davi encontrou renovação ao estudar a Bíblia em meio às suas dores. O **versículo 93** é quase idêntico ao anterior. Se no 92 ele afirma que *não pereceu*, no 93 ele explica o porquê: porque foi vivificado — “Nunca me esquecerei dos teus preceitos, pois é por meio deles que me tens dado vida.”

Pedir por renovação é algo que Davi faz o tempo todo neste Salmo. Ele orou por isso no **versículo 25**: “Vivifica-me segundo a tua

palavra” e também no **versículo 37**: “Vivifica-me no teu caminho”. Orou ainda no **versículo 40**: “Vivifica-me por tua justiça”. E repetiu esse mesmo clamor nos versículos 107, 149, 154 e 156.

Mas notem a diferença aqui na nossa estrofe: no **versículo 93**, Davi não está mais pedindo; ele está testemunhando. Ele declara: “Nunca me esquecerei dos teus preceitos, pois é **por meio deles que me tens dado vida.**”

Às vezes, nós pensamos na renovação espiritual apenas como algo que o Espírito Santo faz de forma isolada, mas esquecemos que o Espírito e a Palavra caminham sempre juntos. Deus fala conosco pela Palavra, e é por meio dela que o Espírito nos renova por dentro — é pela Palavra que o Espírito nos vivifica.

Disse Jesus, em **João 6.63**: “O Espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita. As palavras que eu lhes tenho falado são espírito e são vida.”

A aflição, que foi o tema central das últimas estrofes do salmo de Davi, aparece aqui apenas como uma lembrança do passado (v. 92-93). Deus de fato renovou o salmista. Ele não está mais sob aquela depressão de espírito; ele foi trazido de volta à vida porque se lembrou dos preceitos de Deus.

3. A palavra de Deus nos salva

Os **versículos 94 e 95** tratam da salvação contra os inimigos. Lembra que nos versículos 84 e 87 Davi relata que a sua vida estava sendo caçada? Pois bem, Deus o salvou. No entanto, o **versículo 95** nos mostra um detalhe: os ímpios ainda estavam por perto, à espreita para destruí-lo. Por isso, a declaração aqui vira uma oração contínua: “Salva-me”. Leia — **Salmo 119.94-95**:

⁹⁴Sou teu; salva-me, pois eu busco os teus preceitos. ⁹⁵Os ímpios me espreitam para me destruir, mas eu considero os teus testemunhos.

Nós também precisamos dessa salvação constante. Se Deus não estivesse conosco a cada segundo, — como ele, de fato, realmente está — nos guardando de perigos que nem percebemos, nós pereceríamos num instante.

E isso vale para os três tempos da nossa salvação — a pena do pecado (passado), o poder do pecado (presente) e a presença do pecado (futuro):

1. **No passado:** Quando Jesus morreu e ressuscitou para a nossa justificação diante de Deus. Cristo nos livrou da pena do pecado.
2. **No presente:** Enquanto crescemos em santidade pelo poder do Espírito e da Palavra. Cristo nos liberta do poder do pecado.
3. **No futuro:** Quando formos levados para o céu, livres da presença do pecado.

A nossa segurança vem da promessa de **Filipenses 1.6**: “Estou certo — escreveu o apóstolo Paulo — de que aquele que começou boa obra em vocês há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus.” E por que Paulo tinha tanta certeza? Porque o apóstolo conhecia o conteúdo do **Salmo 119.89**, que diz: “Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra está firmada no céu.”

Agora leiam estas palavras do versículo 94: “Sou teu; salva-me”. Charles Spurgeon dizia que esta é uma “oração abrangente com um argumento prevalecente”. Ou seja: se temos a confiança de que pertencemos ao SENHOR, podemos ter a confiança de que ele nos salvará até o fim.

Firmado na rocha

O versículo 96, o último desta estrofe, resume tudo:

“Tenho visto que toda perfeição tem o seu limite; mas o teu mandamento é ilimitado.”

O salmista já havia dito no versículo 90 que a terra permanece firme, mas aqui ele reconhece que até a terra tem um limite. Jesus confirmou isso em Mateus 24.35: “Passará o céu e a terra...”.

Tudo o que consideramos perfeito ou estável neste mundo um dia acaba. Tudo mesmo. Como escreveu Derek Kidner, este versículo resume o livro de Eclesiastes: tudo o que fazemos debaixo do sol tem um fim e pode nos frustrar, mas em Deus, e nos seus mandamentos, nós vamos além desses limites.

Então, por que não se firmar neste fundamento agora mesmo? Se você fosse construir uma casa, escolheria areia ou rocha sólida? Se fosse investir para a aposentadoria, escolheria uma empresa arriscada ou uma que fosse sólida e comprovada? Por que você faria diferente com a sua vida, que vale muito mais que uma casa ou uma conta bancária? Por que construir sobre algo que desmorona, se temos o fundamento que permanece firme nas tempestades: a palavra de Deus (Mt 7.24-27)?

Que hoje, diante das crises e das incertezas, você decida não olhar para dentro de si em busca de uma força que não tem, mas olhar para o alto, para a Palavra que está firmada nos céus — palavra esta que aponta para Cristo, e dizer com o salmista: “Sou teu; salva-me”.

A permanência e a perfeição da palavra de Deus

Duas expressões neste trecho do Salmo 119 me fazem recordar de uma passagem em *O Senhor dos Anéis*. A primeira está no versículo 89, abrindo a nossa leitura, e diz que a “tua palavra está firmada no céu”. A segunda é a do desfecho do parágrafo, no versículo 96, que destaca que a “perfeição” da palavra de Deus não tem limite.

Na história escrita por J.R.R. Tolkien, há um momento sombrio em que os dois companheiros, Sam e Frodo, entram em uma terra maligna. Sam acredita que seu amigo Frodo foi mortalmente ferido e se vê sozinho, cercado por inimigos, em uma escuridão que parece não ter fim. Ele pensa que tudo está perdido.

Então, Tolkien descreve o seguinte:

Ali, assomando entre as nuvens acima de um monte escuro, no alto das montanhas, Sam viu uma estrela branca cintilar por um momento. A beleza dela golpeou seu coração. Enquanto olhava para cima, saindo daquela terra abandonada, a esperança retornou a ele. Pois, como uma flecha, clara e fria, o pensamento o trespassou de que, no fim, a sombra era apenas uma coisa pequena e passageira, e que havia luz e alta beleza para sempre fora do alcance dela.

Vocês percebem o que está acontecendo aqui?

Sam está no meio de uma história que parece não ter saída. O mal parece estar dominando o mundo inteiro. Mas, quando ele olha para aquela estrela, ele percebe que existe algo que o mal não pode alcançar, não pode tocar e não pode apagar.

É exatamente isso que Davi está nos dizendo: a palavra de Deus está firmemente estabelecida nos céus. E a sua perfeição é sem limites. É deslumbrante.

A implicação é maravilhosa: Nenhum problema que você enfrenta hoje pode, no fim das contas, contradizer essa Palavra. Nenhuma provação pode desafiá-la. Nenhum pecado pode manchá-la. Ela está fixada nos céus, fora do alcance da sombra. E quando o mal finalmente desaparecer deste mundo, a Palavra ainda estará lá.

Esse é um pensamento que precisamos absorver todos os dias, especialmente hoje. Como cristãos, vivemos em uma cultura que se tornou estranha à verdade. Muitas vezes, somos olhados como intrusos, como pessoas “atrasadas” ou até como inimigos da civilidade, por causa das coisas em que cremos. Nesses momentos, você pode ser tentado a pensar que o mal venceu.

Mas ele não venceu e não vencerá. O mal é passageiro. O céu e a terra passarão, mas a palavra de Deus jamais passará. Ela não é apenas o nosso fundamento; ela está acima de qualquer contradição. A palavra de Deus é poderosa e perfeita, para sempre.

S.D.G. L.B.Peixoto.